

Machosfera, algoritmos e (re)produções de masculinidades nas redes sociais brasileiras

Machosfera, algoritmos y (re)producciones de masculinidades en las redes sociales brasileñas

Vinícius Barcellos¹

Lucía Silveira Alda²

Resumo

Nos últimos anos, as redes sociais tornaram-se espaços centrais de sociabilidade, produção de sentidos e construção de identidades adolescentes. Nesse contexto, destaca-se a ascensão da chamada machosfera, um ecossistema de discursos e comunidades digitais que reafirmam a masculinidade hegemônica por meio de conteúdos frequentemente misóginos, antifeministas e contrários às pautas de diversidade. Embora o fenômeno já tenha sido estudado em países como Estados Unidos e Reino Unido, sua configuração no Brasil ainda carece de investigações sistemáticas, sobretudo quanto à circulação desses conteúdos entre adolescentes e à mediação algorítmica que amplia sua visibilidade. O presente trabalho tem como objetivo investigar como conteúdos da machosfera circulam nas redes sociais e quais sentidos sobre masculinidade, feminismo e gênero são (re)produzidos nessas interações. Para isso, serão mapeadas publicações no TikTok, Instagram e YouTube, analisando seus recursos discursivos, visuais e afetivos, bem como os mecanismos algorítmicos que favorecem sua viralização. A pesquisa também busca compreender como discursos misóginos se disfarçam de autoajuda, humor ou desenvolvimento pessoal, criando uma linguagem acessível e sedutora para jovens em situação de vulnerabilidade afetiva, econômica ou social. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, fundamentada nos estudos de gênero, comunicação e cultura digital, articulada à análise crítica do discurso. A coleta de dados será realizada por meio de etnografia digital, com observação sistemática de publicações públicas ligadas à machosfera. Espera-se que a pesquisa contribua para o aprofundamento do debate sobre juventude, gênero e cultura digital, oferecendo subsídios teóricos e práticos para ações pedagógicas, comunicacionais e políticas voltadas à equidade de gênero e ao enfrentamento dos discursos de ódio nas redes sociais.

Palavras-chave: Cultura digital; Machosfera; Masculinidades; Misoginia; Redes sociais.

Resumen

En los últimos años, las redes sociales se han convertido en espacios centrales de sociabilidad, producción de significados y construcción de identidades adolescentes. En este contexto, destaca el ascenso de la llamada *machosfera*, un ecosistema de discursos y comunidades digitales que reafirman la masculinidad hegemónica mediante contenidos frecuentemente misóginos, antifeministas y contrarios a las agendas de diversidad. Aunque el fenómeno ya ha sido estudiado en países como Estados Unidos y el Reino Unido, su configuración en Brasil aún carece de investigaciones sistemáticas, especialmente en lo que respecta a la circulación de dichos contenidos entre adolescentes y a la mediación algorítmica que amplía su visibilidad. El presente trabajo tiene como objetivo investigar cómo circulan los contenidos de la machosfera en las redes sociales y qué significados sobre masculinidad, feminismo y género se (re)producen en estas interacciones. Para ello, se mapearán publicaciones en TikTok, Instagram y YouTube, analizando sus recursos discursivos, visuales y afectivos, así como los mecanismos algorítmicos que favorecen su viralización. La investigación también busca comprender

¹ Graduando em Jornalismo; Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; viniciusbarcellosvs@gmail.com

² Doutora em Linguística Aplicada; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br

cómo los discursos misóginos se disfrazan de autoayuda, humor o desarrollo personal, generando un lenguaje accesible y seductor para jóvenes en situación de vulnerabilidad afectiva, económica o social. La metodología adopta un enfoque cualitativo, fundamentado en los estudios de género, la comunicación y la cultura digital, articulado con el análisis crítico del discurso. La recolección de datos se realizará mediante etnografía digital, con observación sistemática de publicaciones públicas vinculadas a la machosfera. Se espera que la investigación contribuya a profundizar el debate sobre juventud, género y cultura digital, ofreciendo aportes teóricos y prácticos para acciones pedagógicas, comunicacionales y políticas orientadas a la equidad de género y al enfrentamiento de los discursos de odio en las redes sociales.

Palabras claves: Cultura digital; Machosfera; Masculinidades; Misoginia; Redes sociales.

1. Introdução

Nos últimos anos, as redes sociais consolidaram-se como um dos principais espaços de produção de sentido, socialização e construção de identidades, especialmente entre adolescentes e jovens adultos (Sibilia, 2008; Castells, 2009). Nesse contexto, emerge com força a chamada machosfera, um conjunto de comunidades e discursos digitais centrados na reafirmação de uma masculinidade hegemônica, frequentemente marcada pela misoginia, pelo antifeminismo e por uma lógica de antagonismo às pautas de gênero e diversidade (Connell, 1995; Nagle, 2017; Ging, 2019). Esse fenômeno, amplamente documentado em países como Estados Unidos e Reino Unido, tem ganhado visibilidade também no Brasil, impulsionado pela viralização de conteúdos em plataformas como TikTok, YouTube, Instagram e, em menor grau, fóruns como Reddit e Discord (Marwick; Caplan, 2018; Paasonen; Gill; Tikkanen, 2020; Amaral, 2022).

A machosfera não opera apenas de forma explícita ou extremista; ao contrário, muitos de seus discursos estão disfarçados de autoajuda, empreendedorismo, humor ou desenvolvimento pessoal masculino, o que os torna ainda mais eficazes em engajar e influenciar jovens em momentos de vulnerabilidade afetiva, econômica ou social (Kimmel, 2008; Nagle, 2017; Ging, 2019). Esses conteúdos, muitas vezes apresentados como motivacionais ou educativos, mascaram discursos de ódio e reforçam desigualdades de gênero por meio de uma estética polida, linguagem emocional e promessas de empoderamento masculino (Paasonen; Gill; Tikkanen, 2020). Nesse cenário, termos como red pill, alfa/beta, mulher conservadora, valores tradicionais e masculinidade raiz circulam amplamente, criando uma gramática própria que dificulta sua identificação crítica, especialmente por parte dos próprios usuários (Marwick; Caplan, 2018; Ging; Siapera, 2018).

A relevância social do tema é evidente: tais conteúdos não apenas reproduzem estereótipos de gênero e reforçam desigualdades históricas, como também operam como mecanismos de radicalização que podem culminar em comportamentos misóginos, violentos ou mesmo atentados, como já documentado em casos envolvendo membros da comunidade incel (Jakobsen; Pellegrini, 2008; Nagle, 2017; Ging, 2019). Estudos demonstram que a machosfera tem funcionado como uma “porta de entrada” para o extremismo de gênero, alimentando discursos de ódio sob a aparência de orientação masculina e respondendo a crises de identidade por meio da violência simbólica e física (Marwick; Caplan, 2018; Ging; Siapera, 2018). Na escola e em outros espaços formativos, observa-se uma crescente dificuldade em dialogar com meninos e jovens influenciados por esses discursos, o que demanda uma resposta qualificada por parte de pesquisas e da educação (Kimmel, 2008), especialmente por meio do letramento crítico e da desconstrução de modelos tradicionais de masculinidade.

Do ponto de vista acadêmico, embora haja produções relevantes sobre masculinidades hegemônicas (Connell, 1995), performatividade de gênero (Butler, 1990) e cultura de ódio

digital (Nagle, 2017), ainda são escassos os estudos que analisam sistematicamente o funcionamento da machosfera no contexto brasileiro, especialmente no que diz respeito à sua articulação com as lógicas algorítmicas das redes sociais e aos modos como esses discursos afetam o público adolescente (Gomes, 2021; Amaral, 2022; Siqueira; Martins, 2022). Pesquisas internacionais evidenciam como esses espaços digitais operam de forma transnacional, mas produzem sentidos localizados conforme o contexto sociocultural (Marwick; Caplan, 2018). No Brasil, entretanto, o cruzamento entre gênero, adolescência e algoritmos ainda carece de maior aprofundamento empírico e teórico. Nesse sentido, este trabalho busca contribuir com essa lacuna, aliando os estudos de gênero, comunicação e o público adolescente com metodologias voltadas à cultura digital e à análise crítica do discurso.

Para compreender como os conteúdos da machosfera circulam e (re)produzem sentidos nas redes sociais, é necessário considerar as plataformas digitais não apenas como meios de disseminação, mas como espaços sociotécnicos estruturados por algoritmos que moldam a visibilidade e o alcance dos discursos (Gillespie, 2014; Bucher, 2018). O funcionamento algorítmico influencia diretamente quais conteúdos são sugeridos, reiterados ou suprimidos, configurando um ambiente propício à viralização de discursos misóginos mascarados de autoajuda ou humor. Nesse contexto, a análise crítica do discurso (Fairclough, 2001) oferece ferramentas para interpretar como esses enunciados constroem significados sobre masculinidade, feminismo e gênero, ao mesmo tempo em que articulam relações de poder, ideologia e identidade. Além disso, é fundamental reconhecer o público jovem como sujeitos interativos e produtores de sentido, não apenas como receptores passivos desses conteúdos. Conforme argumenta Reguillo (1998), os jovens constroem suas subjetividades a partir de negociações culturais e simbólicas mediadas pela linguagem e pelas tecnologias, sendo atravessadas por dinâmicas locais e globais. Dessa forma, investigar a machosfera sob essa perspectiva significa compreender não só o conteúdo em si, mas também os processos de circulação, apropriação e ressignificação que ocorrem nas interações digitais cotidianas.

Diante desse cenário, a pesquisa se justifica pela urgência em compreender e desvelar os mecanismos simbólicos e afetivos que sustentam a popularidade da machosfera nas redes, propondo uma análise crítica que possa subsidiar ações de enfrentamento à misoginia digital e à desinformação sobre gênero (Ging, 2019; Paasonen; Gill; Tikkanen, 2020). A articulação entre afeto, ressentimento e pertencimento masculino tem se mostrado central para a adesão a discursos misóginos camuflados de conselhos ou orientação emocional (Kimmel, 2008; Nagle, 2017), o que exige um olhar que vá além da denúncia, investindo na produção de conhecimento crítico e formativo. Além disso, a pesquisa pretende contribuir com a construção de estratégias de letramento crítico digital (Soares, 2011) e de contranarrativas que valorizem formas plurais e não violentas de ser homem (Butler, 1990; Connel, 1995), promovendo o reconhecimento da diversidade de masculinidades como ferramenta pedagógica e política.

Dessa forma, o presente trabalho propõe investigar como os discursos da machosfera circulam nas redes sociais, quais sentidos constroem sobre masculinidade, feminismo e relações de gênero, e de que maneira esses conteúdos impactam a formação de identidades juvenis no Brasil contemporâneo. Ao fazê-lo, espera-se lançar luz sobre um fenômeno ainda pouco explorado no campo das ciências humanas e contribuir para o desenvolvimento de práticas comunicacionais e pedagógicas comprometidas com a equidade de gênero e a justiça social.

2. Metodologia

Este trabalho insere-se no campo da pesquisa qualitativa, com abordagem interdisciplinar orientada pelos estudos de gênero, público adolescente, cultura digital e análise crítica do discurso. Parte-se do entendimento de que os discursos não apenas refletem, mas também produzem realidades sociais e subjetividades (Fairclough, 2001), especialmente em espaços digitais altamente mediados por algoritmos e interações afetivas. Assim, o objetivo não é apenas descrever os conteúdos da machosfera, mas compreender como eles circulam, se articulam com lógicas algorítmicas e produzem sentidos sobre masculinidade, feminismo e relações de gênero, impactando especialmente jovens em processos de formação identitária (Kimmel, 2008; Reguillo, 1998).

Para tanto, a primeira etapa da pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica, a fim de fornecer o suporte teórico para a análise. Serão mobilizados autores clássicos e contemporâneos que discutem a construção social das masculinidades (Connell, 1995), a performatividade de gênero (Butler, 1990), a constituição da juventude em contextos midiáticos (Reguillo, 1998), e os mecanismos de circulação e recepção de discursos na cultura digital (Bucher, 2018; Gillespie, 2014; Jenkins, 2009). Também serão incorporados estudos recentes sobre a machosfera e a misoginia online, como os de Ging (2019), Nagle (2017), Amaral (2022) e Marwick e Caplan (2018), que evidenciam como comunidades digitais reconfiguram discursos antifeministas em formatos visualmente atrativos, emocionalmente mobilizadores e adaptados à lógica das plataformas.

Na segunda etapa, será realizada a coleta de dados por meio de etnografia digital, que não se limita à observação, mas também requer imersão no campo, documentação das práticas simbólicas e análise contextual dos discursos. Dessa forma, os dados serão coletados a partir da observação sistemática de conteúdos publicados nas redes sociais TikTok, Instagram e YouTube, como interações, comentários, vídeos e estratégias comunicacionais de perfis ligados à machosfera, com atenção a estética visual e linguagem, engajamento e modos de apresentação da masculinidade. A seleção do corpus considerará publicações vinculadas a hashtags como #redpill, #masculinidadealfa, #coachmasculino, #antifeminismo e outras, analisando exclusivamente conteúdos amplamente públicos e acessíveis sem login, publicados por influenciadores nas plataformas digitais, sem interação com os sujeitos, coleta de dados sensíveis ou uso de informações identificáveis. Essa etapa busca identificar tanto os temas centrais quanto os modos de organização simbólica e afetiva dos discursos.

A terceira etapa será dedicada à análise dos dados à luz da análise crítica do discurso (Fairclough, 2001) com foco na construção de sentidos sobre masculinidade, feminismo e gênero nas interações digitais. Serão examinadas as formas como esses conteúdos representam homens, mulheres, feminismo e diversidade de gênero, as estratégias de linguagem que naturalizam ou suavizam discursos misóginos e as formas de performatividade masculina expressas por meio de humor, autoajuda ou empreendedorismo. Os dados serão tratados em nível discursivo, sem uso de nomes, capturas de tela ou trechos que permitam rastreamento individual dos perfis analisados. Ainda, será considerada a influência das dinâmicas algorítmicas das plataformas na amplificação desses discursos.

3. Considerações finais

A partir da discussão proposta, reforça-se a importância de compreender a machosfera como um fenômeno comunicacional e social que ultrapassa os limites da internet, refletindo e reproduzindo desigualdades de gênero já presentes na sociedade. Ao analisar como esses discursos circulam nas redes sociais e são mediados por algoritmos, busca-se evidenciar os

modos pelos quais a masculinidade hegemônica se atualiza no ambiente digital, utilizando linguagens atraentes e estratégias de engajamento que impactam especialmente os jovens. Mais do que identificar conteúdos misóginos, esta pesquisa pretende contribuir para o letramento crítico digital, incentivando uma leitura mais atenta e questionadora das narrativas sobre masculinidade, feminismo e diversidade. Com isso, espera-se oferecer subsídios teóricos e práticos para o enfrentamento da misoginia online, a promoção da equidade de gênero e o fortalecimento de práticas comunicacionais e educativas comprometidas com uma cultura digital mais democrática e inclusiva. Por fim, destaca-se que compreender a machosfera é também compreender as tensões e disputas simbólicas que atravessam as juventudes contemporâneas. Investigar esse campo, portanto, é um passo essencial para construir alternativas de diálogo, formação e resistência frente à disseminação de discursos de ódio e à crise das masculinidades na sociedade atual.

Referências

- AMARAL, Maíra. *Masculinidades em disputa: discursos antifeministas e redes sociais*. Revista Estudos Feministas, v. 30, n. 1, 2022.
- BUCHER, Taina. *If...Then: Algorithmic Power and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P. J.; FOOT, K. A. (Orgs.). *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*. Cambridge: MIT Press, 2014.
- GING, Debbie. Alphas, Betas and Incels: theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.
- GING, Debbie; SIAPERA, Eugenia (orgs.). Special Issue: Online Misogyny. *Feminist Media Studies*, v. 18, n. 4, 2018.
- GOMES, André. A ‘red pill’ do algoritmo: masculinidades, ressentimento e conservadorismo na internet. *Revista E-Compós*, v. 24, 2021.
- SIQUEIRA, Luiza; MARTINS, Francisco. De volta à caverna: masculinidades e pedagogias reacionárias nas redes. *Revista GEMInIS*, v. 13, n. 2, p. 18–33, 2022.